

MEMÓRIA, LÍNGUA, ENSINO

M. Onice PAYER (UNIVAS/UNICAMP)
onicepayer@terra.com.br

Ampliando estudos sobre língua e memória em contexto brasileiro de imigração, venho identificando e descrevendo processos de identificação na relação sujeito/língua/memória. Atualmente os encaminhamento à prática do Ensino de Língua. As questões trabalhadas levam a compreender amplamente a relação regrada do sujeito com a língua, que se forja sob auspícios do Estado Moderno, de que a nacionalização de imigrantes é exemplar. A questão atual da pesquisa é a possibilidade de relações com a língua, na escola, que trabalhem o modo como a exterioridade predispõe a identificação dos sujeitos com a(s) língua(s) e materialidades lingüísticas presentes na (sua) história. O objetivo é explicitar como certas dimensões discursivas funcionam relativamente à língua; ela mesma tomada como matéria específica no jogo de memórias discursivas diversas - como a da nacionalidade e a dos chamados grupos locais, que considero sob a categoria ampla do “materno”.

Na nacionalização massiva de imigrantes identifiquei a forte tensão entre as línguas aí presentes, o português (LP) e línguas estrangeiras dos imigrantes. Analisando estruturas lingüísticas atuais em contexto de imigração, tenho interpretado a LP através da categoria de “língua nacional”, na perspectiva que trabalham Gadet e Pêcheux (1981), Orlandi (2001a; 2001b), Guimarães (2002) - como língua a partir da qual o Estado Nacional estabelece sua unidade política - e as línguas dos imigrantes, que em dado momento foram interpretadas/interditadas no Estado Novo como outras línguas nacionais, mas que pelo processo de nacionalização interpretamos através da categoria de “língua materna”, trazida de áreas vizinhas (Aquisição da Linguagem, Psicanálise) - como língua que estrutura psicologicamente o sujeito (Revuz, 1998) - para pensá-la com relação à memória discursiva, produzindo deslocamentos teóricos.

O fato de colocar em relação as categorias de língua nacional e língua materna levou-nos à compreensão do processo por meio do qual a estrutura da língua atual praticada pelos sujeitos, resulta, já em seus elementos mínimos, da tensão/batimento entre memórias discursivas.

Além do modo mais integral de permanência dessas línguas, há outro, mais difuso, de seu reaparecimento, que tenho configurado mais propriamente como objeto de pesquisa, através do que identifico como *traços de memória da língua apagada (dialetos), que retornam na língua atual (português) e no sujeito, rerepresentando-se na prática de*

linguagem, em meio ao português. Trata-se de uma identificação do sujeito com a memória da língua materna apagada, mesmo que ele não a fale mais (inteiramente). A língua apagada na história funciona, pois na atualidade, guardando um lugar discursivo na prática de linguagem, como “língua apagada” mesmo. É desse lugar (supostamente) apagado que ela produz efeitos de sentido, desafiando a questão da relação do sujeito com a língua na escola. Compreende-se essa presença por sua ausência: a relação com a língua de que se abre mão, na escola, para escrever nas formas da língua nacional, faz falta na escrita, na medida que faz falta no sujeito. Falta que não há como suturar na escrita se não é trabalhada no sujeito. É este tipo de trabalho de memória com a língua que estamos propondo investigar no ensino.

Relacionar os conceitos de língua nacional e de língua materna, trabalhando-os junto à noção de memória discursiva, tem nos levado a observar desdobramentos discursivos que no funcionamento das línguas nas práticas de linguagem e compreender a necessidade fundamental de discernir, no ensino, entre as dimensões de língua nacional e materna. É fundamental que se compreenda e trabalhe esta distinção, duplamente: tanto de modo *empírico (analítico): quais são* as línguas em questão, qual a sua materialidade, qual o seu funcionamento nas práticas de linguagem?, quanto de modo *teórico*, pois se tratam de *conceitos distintos*. Diferentes sentidos se produzem ao falar-se em língua nacional e materna; Estas dimensões estruturam simbolicamente o sujeito de maneiras diferentes. Em primeiro lugar, empiricamente, língua nacional e língua materna não coincidem por se tratar de línguas materialmente diferentes, o português e o italiano, mas também materialidades lingüísticas diferentes no interior do português, pois temos visto que a língua materna pode se constituir de elementos de mais de uma língua. Em segundo lugar, língua nacional e língua materna não coincidem porque têm lugares e funcionamentos diferentes na sociedade, e para os sujeitos.

Neste sentido, para compreender os processos de identificação dos sujeitos com as línguas é necessário considerar e distinguir: a) as línguas presentes em dado contexto histórico; b) os *conceitos* de língua materna e de língua nacional, aos quais são necessários deslocamentos teóricos para sua compreensão na ordem da memória discursiva, onde serão considerados não necessariamente como *línguas* independentes, mas como *diferentes dimensões discursivas da linguagem, na ordem da memória*; c) o funcionamento discursivo das línguas relativamente ao seu lugar em determinadas condições sócio-históricas e a interpretação daí decorrente e d) os processos de identificação do sujeito com relação a essas línguas, relativamente ao seu lugar na ordem histórica e simbólica. Isto significa que ambas constituem os sujeitos de linguagem, que têm portanto que lidar simultaneamente com

elas. O que nos leva a postular que mesmo para contextos e sujeitos monolíngües, discursivamente funcionam as dimensões de língua nacional e materna.

Considerar esses aspectos no ensino supõe não reproduzir os silenciamentos tal com ocorreram na história, mas sim *formular sobre* os sentidos que a(s) língua(s) nessas dimensões têm para os sujeitos. Importa considerar como as dimensões de língua materna (cultural, familiar, da infância) e nacional (escolar, jurídica) jogam ao mesmo tempo, e de modo tenso, cada uma a seu modo, na prática de linguagem. É a partir desta correlação e desdobramentos que estas dimensões podem iluminar o “ensino” de língua. Não como questão a resolver, tensão a banir, mas como contradição a compreender e a enfrentar, arcando com as conseqüências. Enfim, trata-se de lidar de modo efetivo com o *real da língua* e o *real da história* (Gadet e Pêcheux, 1981). Refletir sobre a língua em sua dimensão de memória histórica leva a compreender que é improdutivo pretender fazer com que as várias dimensões e materialidades lingüísticas ocupem o mesmo lugar, para o sujeito e para as instâncias sociais e institucionais. Deste ponto de vista, não cabe no campo educacional optar por formas da língua nacional ou pelas da língua materna, pois se trata de um funcionamento intrincado, mas em desdobrar (abrir) a língua, em seus funcionamentos discursivos.

Bibliografia

- Courtine, J. -J. – (1981) “Quelques Problèmes Théoriques et Méthodologiques en Analyse du Discours, à Propos du Discours Communiste Adressé aux Chrétines”. **Langages**, 62. Paris: Ed. Larousse, 1881.
- Gadet, F. & Pêcheux, M. (1981) **A língua inatingível. O discurso na história da Lingüística**, Trad. bras. B. Mariani e M. Elizabeth Chaves de Mello. Campinas: Ed. Pontes, 2004.
- Guimarães E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas, Ed. Pontes, 2002.
- Orlandi, E. **As formas do silêncio. No movimento dos sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- _____. (org.) **História das idéias lingüísticas**. Campinas: Ed. Pontes; Cáceres, Unemat, 2001a
- _____. **Língua e conhecimento lingüístico**. São Paulo: Cortez, 2001b.
- _____. (org.) **Política lingüística no Brasil**. Campinas: Pontes, 2007.
- Payer, M. O. **Memória da Língua. Imigração e nacionalidade**. São Paulo, Ed. Escuta, 2006.
- _____. “Entre a Língua Nacional e a Língua Materna”. **Análise do Discurso no Brasil**. Mapeando conceitos, confrontando limites (Textos do II Sead, 2005). Freda Indursky e M. C. Leandro Ferreira (Orgs.) São Carlos: Claraluz; Porto Alegre, UFRGS, 2007.
- _____. Processos de Identificação Sujeito/Língua. Ensino, Língua Nacional e Língua Materna. In. **Política Lingüística no Brasil**. E. Orlandi, (org.) Pontes, 2007.
- Pêcheux, M. (1984) “Papel da Memória”. In **O papel da memória**. P. Achard et. al. Campinas, Ed. Pontes, 1999.
- Revuz, C. “A Língua Estrangeira, entre o Desejo de um Outro Lugar e o Risco do Exílio”. In **Linguagem e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Inês Signorini (org.). Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1988.
- Serrani, S. “Formações Discursivas e Processos Identificatórios na Aquisição de Línguas”. Revista D.E.L.T.A., Vol. 13, São Paulo, 1997.